da familia do Dr. João Sarabando

DIRETOR: Firmino de Vilhena

Ano 69.º—Numero 6:703—Sabado, 14 de agosto de 1920

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

"CAMPEÃO,,—AVEIRO

Campeão das Provincias

Decano dos jornais portuguezes

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 3$50 Numero do dia, 6 centavos; atrazado, 7 centavos. Para alem-mar, 5$00; Brazil, França e Inglaterra, 5$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 50 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 40 centavos por linha singela; na 2.ª, 30; na 3.ª, 25 e na 4.ª, 20
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

JUNTAS GERAIS DE DISTRITO

Solicitam-nos a publicação do documento que segue, a representação entregue ao parlamento, por deliberação tomada no congresso das Juntas-gerais do distrito, ao qual damos este logar não só por se tratar dum importante assunto, que tanto interessa o paiz, mas ainda por que, forçados a dar ainda hoje um numero de 2 paginas, não podermos dispôr de outro logar:

«A comissão encarregada pelo congresso das Juntas-gerais dos distritos da Republica de dar cumprimento ás resoluções no mesmo congresso tomadas, tem a honra de vir depôr nas mãos de v. ex.ª o conjunto das reclamações que as juntas, animadas do mais acendrado patriotismo e do mais ardente desejo de bem servirem a Republica, vêm formular perante o poder legislativo, aguardando que a mais alta representação da vontade nacional se manifeste em seu prol

O pensamento que animou e anima as Juntas-gerais da Republica, unindo-as num só esforço e conjugando-as numa só vontade, foi e é, ex.º sr. presidente, a efetivação da descentralisação administrativa tão patriotica e tão levantadamente defendida pelo republicanismo, porta-voz e cooperadora duma das mais nobres e egregias aspirações doutrinarias desse mesmo republicanismo. Mas, ex.mo sr. presidente, se fôra apenas o respeito pelo doutrinarismo, por mais empolgante que fosse, a determinante da acção coletiva das Juntas-gerais, hesitaram, por ventura, estas, no momento de crise que vamos atravessando, em vir solicitar a atenção da digna camara a que tão patrioticamente presidis. A verdade, porem, ex.mo sr presidente, é que tendo a Republica restaurado as Juntas-gerais, que a cegueira descentralisadora da monarquia extinguira, estas instituições administrativas, de cuja acção, pelo que já têem produzido, muito ha a esperar em favor da publica administração, não têem podido alargar a sua esfera de atividade porque, triste é dizêlo e doloroso confessa-lo, têem sido sistematicamente contrariadas, não se cumprindo leis da Republica que á sua existencia muito convêem e não lhes concedendo aquelas funções que organismos daquela natureza estão naturalmente chamados a desempenhar.

Não vêem as Juntas-gerais neste facto má vontade propositada dos poderes constituidos, mas tão sómente uma resultante da inercia, da resistencia passiva e da, para que não dizê-lo? rutina e indolencia que tão iniludivelmente caraterisam por nosso mal a vida coletiva portugueza.

Não vêem as Juntas-gerais da Republica, ex.mo sr. presidente, em quixotesco rompante impôr ou exigir qualquer desvaio; mas tão sómente, em nome dos interesses superiores do paiz e da Republica, solicitar a esclarecida e carinhosa atenção dos ilustres representantes do paiz e a satisfação por parte destes dos desejos expressos neste documento.

E o que pedem, ex.mo presidente, as Juntas-gerais? Bem pouco: a execução de disposições que ha anos já são leis da Republica, e o alargamento das suas atribuições de maneira que estes organismos administrativos possam eficazmente prestar á Republica aqueles serviços que, ao reanima-los, chamando-os novamente á vida, a Republica esperava e confiamos cegamente, ainda espera.

As nossas reclamações, ex.mo sr. presidente, são estas:

1.ª Solicitar do parlamento que ordene ao governo o imediato cumprimento das disposições 8.ª do artigo 45.º e 4.ª do artigo 57.ª da lei de 7 de agosto de 1913, que manda entregar ás Juntas-gerais dos distritos as estradas distritais ou de 2.ª ordem e bem assim que sejam transferidas do orçamento geral do Estado para as mesmas juntas, na proporção das áreas dos respetivos distritos e da sua população, as verbas orçamentais correspondentes aos serviços de construção e reparação das aludidas estradas, facultando ás mesmas juntas a requisição ao ministério do comercio do pessoal que julgar necessario para a execução destes serviços.

2.ª O direito das Juntas-gerais reunirem com qualquer numero de procuradores quando se dê alguma das seguintes circunstancias:

a) Quando não haja numero para se realisarem as sessões ordinarias, havendo por isso nova convocação.

b) Quando para as sessões extraordinarias tenha de haver nova convocação para o mesmo fim.

3.ª Solicitar a entrega ás Juntas gerais de todos os serviços de assistencia publica oficial dos respetivos distritos, seus fundos e rendimentos, incluindo as verbas que as corporações de beneficencia e piedade por lei teem de incluir nos seus orçamentos.

4.ª A entrega ás Juntas-gerais da totalidade das contribuições pagas pelos respetivos distritos para a assistencia publica.

5.ª Toda a administração e posse dos bens e estabelecimentos distritais, conforme o disposto no n.º 3.º do artigo 45.º da lei de 7 de agosto de 1913.

6.ª A entrega dos antigos arquivos das Juntas-gerais.

7.ª A entrega dos edificios das antigas congregações religiosas, e bem assim as verbas arrecadadas á data da sua extinção.

8.ª A entrega dos antigos edificios dos governos civis e outros que pertenciam ás juntas á data da sua extinção, e bem assim das verbas que á mesma data possuiam em cofre.

9.ª Que a remessa dos processos de contas das instituições de piedade e beneficencia seja feita diretamente ás Juntas gerais e não por intermedio das administrações dos concelhos.

10.ª A derogação do decreto n.º 5484 de 2 de maio de 1919, por deprimente e vexatorio.

11.ª A entrega das verbas votadas para construções escolares, e providenciar para que os legados destinados ao mesmo fim sejam cumpridos dentro dos prasos marcados.

12.ª Administração das obras de melhoramentos dos portos e rios onde não existam juntas especiais e autonomas para esse fim criadas.

13.ª Passagem em caminho de ferro aos procuradores das juntas que residam fóra das sédes, a fim de poderem sem encargos proprios comparecer ás sessões da mesma junta.

14.ª Que na momentosa questão das subsistencias as Juntas-gerais sejam chamadas a colaborarem com as autoridades competentes para a solução de tão importante materia.

15.ª Que o contrato das caldas de Monchique que entregou estas á exploração particular seja rescindido e as mesmas caldas sejam entregues á Junta-geral do distrito de Faro,

Saude e fraternidade. Lisboa, 4 de agosto de 1920. Pela comissão—(aa) *Agostinko José Fortes, Francisco de Sales Ramos da Costa, José Dias da Silva.*»

Atualidades

Vale do Vouga

Terminou a gréve do pessoal ferro viario, mas continua a da companhia, que se mantém inabalavel no firme proposito de não atender a nenhuma das reclamações instantes e constantes das populações por ela servidas.

Servidas? Pessimamente servidas. Aquilo não é um caminho de ferro de via reduzida. E' uma carreira de maus carros em que a gente se mete á falta de coisa mais rasoavel, caminhando como os antigos veículos do *Chóra*, com vidros despedaçados, logares imundos, fétidos, condenados pelos mais elementares principios da higiene, e cujo fréte—fréte é o termo porque um passageiro naquilo vai como sardinha em pilha—se pága por préço extraordinario.

Contra os serviços, os detestaveis serviços da companhia, que os não melhora porque assim lhe convém, clama toda a gente, e ainda ha dias o *Noticias de Vizeu* se referia ao caso dando a plêna razão do dito. Ouçamo-lo:

«A linha não dá o rendimento que poderia dar, muitissimo maior que o que dá, por que a administração da companhia não quer. E não quer, porque tendo a garantia do juro pelo Estado até que o seu rendimento atinja determinada quantia, não quer perder essa vantagem

E porque os lucros assim serão sempre certos, e porque póde poupar material e evitar trabalhos, embora com a certeza de obter maior receita, se fizesse a exploração como devia, deixa de satisfazer as reclamações dos povos que serve.

Podendo ter um comboio a sair de manhã de Vizeu para Espinho, que permitisse aos interessados da região ir á capital do norte, regressando a casa no mesmo dia, propositadamente não o faz. Podendo organisar o horario de modo a que o comboio correio apanhasse o rapido em Aveiro, propositadamente o faz chegar meia hora depois deste passar!

Devendo organisar comboios para drenar as inumeras mercadorias que atulham os cais, em todo o seu percurso, não o faz, porque muito bem não quer fazê-lo. Propositadamente, tambem, não aceita despachos de determinadas entidades, porque lhe não convem que a sua receita vá avolumar a receita geral até chegar ou exceder aquela méta, que lhe fará perder o subsidio certo do Estado.»

Ai tem o leitor. A companhia impinge-nos gato por lebre e não emenda a mão, não desenvolve a acção que devia desenvolver, não melhora, não reforma, não modifica em nada a menor parcela de todo aquele primitivo e defeituoso organismo ferro-viario.

O *Noticias de Vizeu*, inspirado nos clamores das populações circunvisinhas, chama a atenção da imprensa regional para o caso e pondéra a necessidade de vir, toda ela, a lume, com os seus protestos e o pêso da sua intervenção.

O *Campeão das Provincias* acompanha com simpatia o presado colega visiense. A causa que defende nos seus dois artigos de fundo respeitante ás coisas do Vale do Vouga, é a causa de todos nós, a causa comum, a causa de interesse publico para que todos devemos concorrer.

Obrigue-se a companhia, que é franceza e pretende fazer disto roupa deles, ao rigoroso cumprimento dos seus deveres.

Por vêzes nos temos aqui já referido ao interessante assunto. Voltaremos a insistir. E' necessario insistir.

Como de prevêr

Foi mandado arquivar o processo enviado pela comissão de inquerito ao extinto ministerio dos abastecimentos ao poder judicial, por não se encontrar qualquer indicio de culpabilidade dos parlamentares sobre quem indiretamente se fizeram recaír infundadas suspeitas. Desse numero fazia parte o nosso presado amigo, sr. dr. Ernesto Navarro, a quem a propria camara imediatamente desagravou consagrando-lhe uma manifestação de alto significado.

Essa determinação do juiz foi tomada de acôrdo com o delegado respetivo, honrando-se a justiça com tal maneira de resolver.

Funcionalismo administrativo

Não tenha o funcionalismo administrativo a menor duvida sobre que foi votado ao mais soberano e absoluto desprezo. Nem governo nem parlamento tem por si a menor parcela de atenção. Uns e outros, ministros e parlamentares, vivem bem e passam bem com os fartos proventos que usufruem, não querendo saber, portanto, de como os outros se arranjam.

Dóe-lhes lá que alguem sôfra, ou morra de fome e de miseria?

Haja vista á atitude assumida no parlamento pelo «pai da Patria» Reimão, que depois de farto e cheio como um ôvo por serviços que não presta e por merecimentos que não tem, impugna o projeto de melhoria apresentado, sem uma contração ou sem um ligeiro arrepio de consciencia!

Não nutra, pois, esperanças o funcionalismo administrativo, e contente-se se nas novas disposições tributarias não fôr novamente atingido pelo agravamento do imposto do selo, etc., etc.

Num dos projetos apresentados, o do sr. Alfrêdo de Souza, dispunha-se que ficassem as camaras autorisadas a tributar quaisquer produtos animais, vegetais ou minerais exportados, cobrando tambem taxas anuais de licença para exercicio do comercio e industria dos bancos, companhias, etc., etc., tudo isto com aplicação exclusiva no aumento de ordenados dos seus empregados. Pois o parlamento votou as duas disposições de que já algumas camaras se utilisaram, mas sem aquela aplicação, e não discutiu mais!

O projeto contém 13 artigos. Os aprovados foram os 7.º e 8.º, que autorisam aquele imposto, ficando os primeiros e os ultimos no barril do lixo.

Veja-se se ha ha nada mais irritante e mais injusto, e isto depois de se terem aumentado os vencimentos de todas as restantes categorias de empregados, os magistrados, etc., etc.

A lei, já publicada, que melhora a situação destes, é uma coisa leonina. Queixaram-se em tempo, alguns magistrados, de que a tabela de emolumentos judiciais da autoria do sr. Antonio Granjo era uma coisa horrivel, que entrava pelos bolsos dos que á justiça recorriam com um desespero felino. Pois vejam agora a beleza de hortaliça que é a tabela de salarios da magistratura. Vejam, vejam isso, e mais uma vez se convencerão de que é bem certo o rifão de que «atraz de mim virá quem melhor fará».

Não tenha o funcionalismo administrativo mais ilusões. E aguarde a futura eleição para tirar aí o natural e necessario desfôrço.

Abastecimentos

O governo nomeou o sr. Alvaro de Lacerda para o novo cargo de comissario dos abastecimentos. E' uma enovação com que cuida resolver o que outras soluções não conseguiram.

O novo funcionario, segundo se diz, vai adoptar profundas modificações neste importante serviço.

Ha que esperar do conhecimento dos negocios e das faculdades de trabalho do sr. Alvaro de Lacerda; mas o problema é daqueles que reclamam o concurso e a colaboração de todos.

Pensa o novo comissario em classificar em duas categorias os diversos estabelecimentos, mantendo preços distintos, reservados ás duas categorias de consumidores: ricos e pobres.

A proteção do Estado, em materia de preços, deve limitar-se ao beneficio daqueles que realmente precisam, ou constitue uma iniquidade.

Em primeiro lugar, como muito bem diz o nosso ilustre colega, a *Patria* o criterio da importancia da renda da casa para separar os dois mercados, como sistema rigido, afigura-se nos ainda muito simplista, e resultará insuficiente e iniquo. Ha ricos que habitam, por contrato antigo, casas muito baratas. Ha pobres que por virtude das condições modernas, estão pagando rendas muito caras. E' necessario vêr as coisas de mais perto, descer mais fundo no exame da questão.

Quem vai abastecer os estabelecimentos de preço reduzido? A supressão dos intermediários que ao favor da alta dos preços se interpõem hoje entre os produtores e os consumidores é a base duma sã politica de abastecimentos.

Haja vista, entre outros casos, ao que se está passando com o preço da lenha. A lenha custa actualmente na provincia 25$00 o cento!

Arbitrando quasi outro tanto para transporte ferro-viario e contando com as despezas da distribuição, o preço real da lenha deve ficar entre 35 a 40$00.

Pois a lenha custa já, em alguns pontos, 1$80 por arroba, ou sejam 120$00 por tonelada!

Nenhum dos comerciantes ou amadores por cuja propriedade passa a lenha realisa um beneficio de 80$00 em cada mil quilos. Mas esse beneficio é distribuido por uma série de intermediários parasitas e inuteis, e o consumidor paga-o!

O Estado, para os empregados dos diversos serviços, para os funcionarios civis e militares, possue hoje numerosas cooperativas que compram aos armazenistas e, sendo necessario, poderiam fornecer-se diretamente dos produtores. Porque razão não são admitidos a essas cooperativas os mais necessitados?

Enfim, esperemos a vêr o que sai disto.

MOVIMENTO SOCIAL

Como deve começar a resolver-se o problema das subsistencias

Da *Pátria:*

«A preocupação maxima, iniludivel é, na hora presente, a questão das subsistencias, a que tem ainda a designação corrente de carestia da vida. Não ha maneira de fugir ao problema, que se vai tornando, em Portugal, não já o problema máximo, mas o problema unico. Não é por isso demais tudo que aparece nos periódicos, em comentarios, estudos e alvitres, a vêr se saímos desta lamentavel situação e principalmente se conseguimos atravessar os doze mezes que vão decorrer até ao verão de 1921, sem uma grande catastrofe, na qual definitivamente tudo se afunde.

Mais uma vez um presidente de ministerio nos veio dizer, como fez agora o sr. Granjo, num banquete de agricultores, que tomou conta do governo em momento dificil e que a politica economica dos governos anteriores, tem sido desastrada. Mais disse o sr. Granjo que «chamou a si a pasta da agricultura por considerar que é nessa pasta que importa resolvor o mais instante dos problemas de momento—a das subsistecias, e ainda porque quer que estes serviços, de natureza tão melindrosa não sofram quaisquer influencia de favor».

Estas palavras, que acabo de lêr na *Pàtria*, mostram que mais uma vez temos um presidente do governo como todos os outros e que por tanto, a situação não fará senão agravar-se. Continua-se em pleno *bluf* politico, com uma inconsciencia pavorosa dos perigos que nos ameaçam *a todos.*

O presidente *chamou a si* a pasta da agricultura, pelos motivos que disse? Ora aí está uma novidade para toda a gente: o sr. Granjo autoridade na materia; senão, não chamava a si; e tambem novidade, porque toda a gente julgava, estavamos todos enganados!—que a coisa tinha acontecido, por que ninguem tinha querido a dita pasta. Mas se o sr. Granjo *chamou a si* aquela pasta, é porque tem planos e sabe o que quer, o que se deve fazer para a solução ou atenuação da crise. E como tudo isso certamente não lhe acudiu no momento de sêr presidente do governo, desola-nos a ideia de verificarmos que havia um marechal da politica cem planos para o grande problema e que nada dizia, deixando tudo ir á matroca. E' deveras lamentavell

Não é assim? Então é mais um *bluf* da politica e as palavras do presidente do governo são mais umas tantas larachas de final de banquete, com que, ha muitas dezenas de anos, os politicos entretêem este pobre povo, que com tanta paciencia os tem aturado. Talvez o leitor ache demasiado o que dizemos, dada a brandura (ia a dizer a hipocricia) dos nossos costumes. Mas então quando é que, nesta terra, nos havemos de decidir a dizer, todos, o que pensamos? Pois o presidente do governo e ministro da agricultura, declara que «a nossa situação, sob o ponto de vista alimentar como financeiro, é excecionalmente grave, bem mais grave do que muitos supõem; que o tesouro está exausto», e nós devemos aceitar como boas as suas palavras de homem de governo, no que se referem á pasta da agricultura? Tem planos para a solução do problema? Porque os não tem apresentado. Não os tem? Porque declara então que chamou a si a dita pasta e sobretudo porque a sobraçou? Então estas coisas fazem-se assim, aceitam-se estas responsabilidades de animo leve, ao mesmo tempo que se declara, mais uma vez, que «muito fará se evitar a queda no abismo que se abre para a nacionalidade?»

A fome alastra, emigra-se o mais que se póde, a população tuberculisa-se, estamos talvez ás portas duma sublevação da fome e faz-se literatura, e faz-se politica partidária, porque outra coisa não traduzem as frazes do presidente do ministerio, que não sendo melhor nem peior do que os seus antecessores, ha de fazer o mesmo que eles: nada que seja util para o paiz!

***

Caminhamos velozmente para a impossibilidade, se nela não estamos já, de resolver o problema das subsistencias, evitando a catastrofe, a sublavação pela fome. Bem sei que para esta ultima hipotese, os governos pensam imediatamente no grande meio de pôrem tudo na ordem: a guarda-republicana. Mas como esse meio não aumenta o numero de bôcas sem compensação propocional, felizmente, o problema fica de pé e mais grave do que estava. E como tambem não é pelas complicadas combinações da politica dos partidos, em que os nossos grandes estadistas se debatem e se comprazem, que os ditos pães se multiplicam, não será tempo de todos se convencerem de que os governos são incapazes de dar uma solução ao problema, devendo ela procurar-se fóra dos politicos e dos seus partidos e fóra da acção do Estado, *o grande incorrigivel?*

Fóra destes elementos, politicos e governamentais, ha tres especies de individuos a considerar: os consumidores, os produtores e os negociantes intermediarios. Quem tem interesse na boa solução do problema são os consumidores e os produtores; aos negociantes intermediarios não lhes convem a boa solução. Isto é elementar, todos o sabem. Portanto, consumidores e produtores, é que devem estudar a questão, nos seus varios aspectos e procurar o caminho salvador. E' preciso, pois, que se estabeleçam entendimentos entre uns e outros, importando-se o menos possivel com tudo o mais e, o que é de capital importancia, dispondo-se a resistir á influencia e á pressão exercida pelos outros elementos todos, a quem não convêm, por um ou outro motivo, a acção livre e de

bom acôrdo de produtores e consumidores.

Diz-se, e em parte é verdade, que atribuir as culpas da crise aos açambarcadores, é um criterio simplista, pois que o açambarcador é um efeito e fatal, duma determinada situação economica: a carestia de generos. E' certo que o açambarcador não é a causa inicial: mas de efeito, torna-se pouco a pouco causa, dando em resultado que a sua acção passa a constituir um dos importantes aspectos do problema e em regra o de mais urgente solução, porque é o mais visivel e o que mais directamente actúa contra o consumidor.

Do exame dos factos conclue-se que:

1.º—O problema não se póde resolver todo duma vez; 2.º—que um dos seus mais importantes aspectos, é o açambarcamento; 3.º—que se deve começar, sem descurar tudo o mais, é claro, por entravar a acção maligna do açambarcador.

E' por aqui que tem de começar o ataque á fortaleza. Como?

A primeira coisa a fazer é verificar quem açambarca inicialmente, porque ha categorias de açambarcadores, uns menos perigosos que outros e alguns até justificaveis e desculpaveis, como somos nós, os açambarcadores domesticos, de alguns quilos de qualquer coisa, para defeza pessoal. Destes até ao açambarcador inicial, ha uma série, cuja nocividade vai aumentado.

No numero da *Pátria* de 29 do corrente, onde vem a noticia do banquete dos agricultores, a que me referi no começo deste artigo, vem um interessante artigo *dum lavrador serrano*, onde se põe a nú com simplicidade e clareza, o papel do açambarcador.

Com estes e outros documentos, com o que todos sabemos e cada um observa, póde-se facilmente atingir o principal açambarcador. Atingir, quer aqui dizer, saber quem são. Depois disso é que o mesmo verbo, *atingir*, passa a ter uma significação mais propria, mais tangivel, principalmente.

Como proceder para que o açambarcador deixe de o sêr? Isso é uma questão para a qual não se póde estabelecer norma de conduta. Depende do logar, das condições do meio, do genero açambarcado, etc. O que se póde estabelecer como norma é apenas a parte negativa, consistindo em não recorrer ás chama as vias competentes, aos meios governamentais, pois começámos por pô-los de parte.

A resolução do problema tem de começar assim, por parte, e pelo ataque, tomando este termo num sentido lato, ao açambarcador inicial, sendo possivel. Esta acção deve sér exercida diretamente, isto é, sem se pensar nos governantes e seus subordinados, pelo bom acôrdo entre produtores e consumidores. Tudo que não fôr isto, é paliativo, politiquice ou cumplicidade.»

Emilio Costa.

Carteira de apontamentos

Festas de familia:

Hoje, o sr. dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz.

Amanhã, o sr. Cesar Augusto Cardote.

Alem, as sr.as D. Ana Emilia d'Almeida Corrêa Leal e D. Valentina Martins.

Depois, a sr.ª D. Ermelinda de Melo Cardoso.

Em 18, a sr.ª D. Madalena Leitão, e os srs. Fausto Corrêa Galião e Manuel Inocencio Ferreira Estrela.

Em 19, os srs. Manuel Luiz Torres Antunes e Pompeu de Melo de Figueiredo.

Em 20, a sr.ª D. Dulce Pomão e o sr. Arnaldo Tavares de Carvalho.

◆ Com a sr.ª D. Maria Margarida de Rezende A. Maia e Silva, interessante filha do nosso amigo, sr. Bernardo Maria da Silva, consorciou-se ultimamente, na Murtosa, o sr. José de Almeida Santos Costa, habil professor nesta circunscrição escolar.

Os noivos possuem apreciaveis dotes de carater, que tornarão venturoso o seu futuro. Sinceramente lh'o desejamos.

Em viagem:

Regressou de Paris, onde foi de visita aos seus, a sr.ª D. Olimpia Godinho.

◆ Foi a Lisboa o sr. Duarte de Melo, que dali regressa hoje.

Visitas:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. José Maria Ribeiro Calisto, dr. José Maria Rodigues da Costa e José Dias Oliveira.

Termas e praias:

Seguiu com sua esposa para o Farol o sr. Manuel Faria de Almeida.

◆ Seguiram já para o Farol com suas familias os srs. drs. José Soares e Lourenço Peixinho.

◆ Para Espinho seguiu tambem o sr. Carlos de Figueiredo, esposa e filhos.

◆ Tambem para a semana segue para o Farol com sua familia o sr. Antonio Marques Maximo Junior.

Movimento local

Anotações do passado (1919)—*Dia 14 de agosto*—A nova comissão executiva da Camara municipal realisa a sua primeira sessão, dando plenos poderes ao seu presidente para continuar a série de melhoramentos encetada.

Dia 15—Festa a Nossa Senhora da Assunção, luzida, embora modesta.

Dia 16—O mercado é bem abastecido de frutas, abundando as melancias e maçãs.

Dia 17—Sáem para fóra alguns moios de feijão e batata que as autoridades não deviam deixar sair.

Dia 18—Torna a fazer-se sentir um calor abrazador.

Dia 19—Mantem-se a mesma elevada temperatura.

Dia 20—Regressam das termas algumas familias, partem para ali outras e fazem-se ainda outros preparativos para a largada das praias.

«Teatro aveirense».—Conforme se anunciára, veio a Aveiro dar dois espectaculos com a operêta *Entre-duas Ave-Marias*, original dos srs. Ernesto Donato e Matos Migueis, o «Grupo dramatico conimbricense Sá de Miranda».

A assistencia, que era numerosa, não deixou de aplaudir os executantes, que se houveram rasoavelmente.

O nosso antigo grupo de *Tricanas e galitos*, que em Viana, Braga, e outras terras do Minho e Douro tão notavelmente se salientou, foi recordado com saudade naquelas duas noites, lamentando-se profundamente que se não reorganise de novo e corra mundo a conquistar os trofeus a que tem direito, por que nenhum outro ainda o excedeu ou egualou.

A operêta *Entre duas Ave-Marias* é no conjunto uma peça de que se guarda boa impressão. Tem situações de exito e está bem ornamentada de linda musica.

Novos horarios.—Já temos novo horario da Companhia-portugueza. Começou a vigorar na 4.ª feira ultima, trazendo agora os rapidos a marcha acelarada dos antigos. Isso não obstou, entretanto, a que o de Lisboa e logo no primeiro dia aqui chegasse com duas horas de atrazo.

Estabeleceu-se tambem, graças á solicitude da Camara municipal, que se dirigiu diretamente ao sr. Fausto de Figueiredo depois de varias tentativas sem resultado empregadas perante a direção da companhia, um tranway que daqui parte para o Porto a horas convenientes, as 11,10, e que agora, depois de conseguido, oxalá não falhe no proximo inverno.

Logo que possamos recomeçar com os numeros de 4 paginas, o que será talvez no proximo sabado, pois para isso estamos empregando os melhores esforços, darêmos ao leitor um pequeno horario extraído da respectiva tabela, a fim de o trazer ao corrente dum serviço que a tantos interessa conhecer.

Para esse n.º temos em nosso poder uma apreciavel composição poetica do sr. Antonio de Certima, que daremos em folhetim.

Tribunal de desastres no trabalho.—Com o fim de visitar e inspecionar os serviços do Tribunal do desastre no trabalho deste distrito, esteve na segunda-feira ultima em Aveiro o sr. Alfredo da Costa Andrade, vogal da direção do Instituto de serviços sociais obrigatorios e de previdencia geral, que retirou no mesmo dia bem impressionado do seu exame.

Carnes.—Pedem-nos para lembrarmos a necessidade da aquisição dum carro apropriado para a condução das carnes do matadouro para os talhos.

O que anda em uzo, alem de antiquado e deficiente, raras vezes é convenientemente limpo e beneficiado.

O proprio matadouro carece duma modificação radical, pois conta dezenas de anos de existencia e pouco se lhe tem feito durante todo esse amplo periodo.

Chamamos para o caso a esclarecida atenção do digno presidente da Comissão-executiva da Camara-municipal.

As estradas do distrito.—Informam-nos, a proposito da referencia que aqui fizémos no sabado ao mau estado das estradas do distrito, de que as minguadas verbas com que o respectivo ministerio mensalmente subsidia a reparação, não deixam de aplicar-se nos pequenos concertos a que ha maior necessidade de acudir.

Sem duvida. Do que nos queixamos foi do desmazêlo que os poderes publicos votaram os caminhos, e não de menos zêlo por parte dos empregados de obras-publicas. Que culpa teem eles de que lhes mandem migalhas em vez do necessario? Não se fazem morcelas sem sangue. As estradas precisam de grandes reparações, urgindo que se façam. Ora nem foram os empregados de obras publicas quem as pôz nesse estado, nem são eles que teem de custear as despezas a fazer. As nossas considerações anteriores só atingem porisso o desleixo ministerial.

Exames.—Fêz ha dias um excelente exame de admissão ao liceus, no liceu central desta cidade, o menino João Evangelista Vieira Sarabando, filho do sr. José Maria Sarabando Junior e sobrinho dos nossos amigos e benquistos proprietarios na Oliveirinha, srs. João e Manuel Tomaz Vieira Junior.

As nossas felicitações a todos.

Nova fabrica.—Conta esta cidade no numero das suas industrias mais uma fabrica de louça, cujo futuro se nos antolha auspicioso.

Instalada num edificio vasto e apropriado, paredes meias com uma outra que desapareceu ha mais de um seculo e que deu o nome á rua, reune todos os requisitos para bem servir o publico. Montada com os mais aperfeiçoados maquinismos e servida por artistas de reconhecido merito, inaugurou no sabado o seu salão de vendas com uma merenda aos operarios, a que assistiram, alem dos socios, varios convidados, confraternisando todos com o maior entusiasmo.

Os produtos já á venda são louça de serviço comum, peças artisticas e azulejos.

A forma e decoração é elegante e cuidada, havendo muitos tipos diferentes, todos de perfeito acabamento e impecavel esmalte, podendo competir com os melhores produtos ceramicos do paiz.

E' já grande o numero das encomendas tomadas, estando quasi esgotada a primeira fornada, que foi enorme, e saiu perfeitissima.

A fabrica é propridade da *Empreza de louças e azulejos, L.da*, a quem felicitamos.

A banda do 24.—A excelente banda do 24, que no domingo ultimo e por motivo de força maior não poude fazer-se ouvir no Jardim-publico, como se anunciára, deve executar ámanhã, no mesmo recinto, pelas 18,30 horas, o seguinte programa:

Gracia andaluza, passe-doble; *La bele Galathée*, ouverture; *La Marcha de Cadiz*, zarzuela; *Revista sanitaria*, polka; *Herodiade*, opera; *Mazurka de salão*, solo de clarinete; *El pobre Valbuena*, zarzuela; *El alicante*, marcha.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e a «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem 147, Lisboa

Diz o ditado: "O que se ha de pedir aos santos, peça-se a Deus".

Pois então, para recuperar a saude, mais vale recorrer ás

PILULAS PINK

do que a qualquer outro remedio.

As Pilulas Pink purificam e enriquecem o sangue, tonificam os nervos e são um poderoso regenerador do organismo.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 950 réis a caixa, 5 $ 300 réis as 6 caixas. Deposito geral: Pharmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa.

Mortos

Em Lisboa e ao cabo de bastante tempo de padecimento, faleceu o sr. Artur Leitão, agronomo considerado, que por alguns anos teve em Aveiro a superintendencia dos serviços da sua especialidade e aqui constituiu familia, indo depois para a capital, onde se encontrava ha muito. Funcionario sabedor e zeloso, grangeou bom nome e deixa de si boa lembrança.

A sua esposa e filho, bem como a seus cunhados, os srs. drs. Joaquim Lourenço e Luiz Simões Peixinho, os nossos pezames.

Vitimado por uma meningite, doença grave que quasi se tornou epidemica entre nós agora, faleceu aqui tambem um filhinho do sr. Tavares da Silva, oficial de marinha, em serviço na capitania do porto de Aveiro.

Era um laureado aluno do nosso liceu, onde conquistou o primeiro logar, as primeiras classificações, muito vivo e inteligente, sendo o enlevo dos pais.

Sentindo os seus desgostos, apresentamos-lhes os nossos pezames.

O CAMPEÃO nas provincias

Alquerubim, 9.—Continúa a debandada dos trabalhadores para a America-do-norte. Não ha quem cultive as terras que terão de ficar a monte. Não ha trabalhadores, mas estão éssas cadeias cheias de malandragem que ali teem sustento e agasalho, em quanto o pobre lavrador, com o suor do seu rosto rega a terra que produz o pão para sustentar aqueles malandros, que podiam muito bem ser empregados em trabalhos agricolas. Ali estão, lá lhes vai ter a comida a horas... e que mais querem eles para ser felizes? Nada. Na cadeia de Albergaria-a-velha estão dois facinoras, um de 18 e outro de 21 anos, que ha pouco ali mataram á facada uma pobre mulher para lhe roubarem uns brincos! E estão ali, aqueles almas do diabo, a comer e sem trabalhar... e o lavrador que arranje pão para eles.

A' ultima hora

TEATRO AVEIRENSE—Brevemente e pela primeira vez em Aveiro

O Conde barão

CAVALERIA RUSTICANA
e
PALHAÇOS

ANUNCIOS

Juizo de direito da comarca DE Aveiro

Editos de 40 dias

1.ª *publicação*

NO Juizo de direito da comarca de Aveiro, cartorio do escrivão do 5.º oficio, que este subscreve, processam-se e correm seus termos uns autos de justificação avulsa para habilitação, nos quais os justificantes Maria do Rozario Martins, viuva, e seus filhos, genros e nora Maria Martins Farto, de Esgueira, e marido Joaquim Mateus Farto, residente em São Paulo, Brazil; Ema Martins Cunha, e marido Antonio Marques da Cunha; Elisa Martins Gamelas, e marido José dos Santos Gamelas; Aurora do Rozario Martins, solteira, e Luiz José Martins e mulher Ana Bastos, todos proprietarios, de Esgueira, pretendem habilitar-se, a primeira, como meeira do casal, e os restantes como unicos e universais herdeiros do seu falecido marido, pai e sôgro, José Maria Martins, que foi casado, de Esgueira, para o que alegam: Que aquela Maria do Rozario Martins foi casada, segundo o costume, com o dito falecido José Maria Martins, o qual deixou testamento, sendo seus herdeiros os mencionados seus filhos, não havendo outros descendentes. Que o falecido tinha depositado na Caixa Economica Portugueza, sob o numero 25:281 (livro 152) diferentes verbas que, com alguns juros liquidados, somavam a quantia de 4.250$00, em 2 de março de 1920 (caderno n.º 25:281) e que pertenciam tambem ao falecido e á habilitanda sua mulher o deposito n.º 17:041, livro 44 da Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia, feito por este Juizo em 11 de outubro de 1918 na importancia de 144$96, a requerimento de Ana de Jesus, de Taboeira. Que assim deve a dita viuva, primeira justificante, ser declarada meeira e herdeiros os filhos nomeados para todos os efeitos legais, e especialmente para levantar e receber aqueles dois depositos e os respectivos juros vencidos e que se vencerem.

E assim correm editos de 40 dias a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio no *Diario-do-governo*, citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança em questão, para assistirem [illegible] os termos até final da referida justificação, e para na segunda audiencia deste juizo, posterior ao prazo dos editos, verem acusar a citação e mais termos dos artigos 595 § unico e 597 do Codigo do Processo Civil.

Declra-se para os devidos efeitos que as audiencias neste juizo se fazem todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo feriados, porque nesse caso se fazem nos dias imediatos, sempre ás onze horas, no tribunal judicial desta comarca, sito á Praça da Republica desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 7 de agosto de 1920.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de direito,

Pereira Zagalo

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

QUINTA

VENDE-SE uma quinta de cerca de trinta alqueires de semeadura, com casa para o caseiro, curral, pôço com abundante agua, eira e casa respétiva, murada pelo nascente e norte e perto desta cidade.

Trata-se com Jorge de Faria, nesta cidade.

PRATICANTE

RECEBE-SE um praticante para a escrituração da Fabrica de Lixa de Aveiro.

Juizo de direito da comarca DE AVEIRO

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

PELO Juizo de direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º oficio—Barbosa de Magalhães—nos autos de inventario orfanologico por falecimento de Antonio Gomes da Silva, morador que foi no logar de Cacia, e em que é inventariante Rosa Rodrigues Neta, filha do falecido, moradora em Cacia, correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste no jornal respectivo, chamando e citando os interessados Manuel Gomes da Silva, viuvo, padeiro; Antonio Gomes da Silva, casado; Antonio Gomes da Silva, menor pubere; Manuel Alexandre e mulher Izabel Alexandre; Rosa Rodrigues Neta e marido Manuel Ribeiro da Fonseca, Antonio Alexandre, menor pubere, e José Gomes da Silva, casado, todos ausentes em parte incerta do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do referido inventario e nele deduzirem a oposição ou impugnação que tiverem nos termos da lei, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na comarca, sob pena de revelia.

Aveiro, 2 de agosto de 1920.

Verifiquei. O Juiz de direito,

Pereira Zagalo.

O escrivão do 2.º oficio,

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

Ministerio da Agricultura

Direção geral dos serviços florestais e aquicolas

3.ª Circunscrição florestal

3.ª REGENCIA

ANUNCIO

FAZ-SE publico que no dia 21 de agosto de 1920, na séde da 3.ª Regencia florestal de Aveiro (edificio do Governo-civil) se procederá ás arrematações do fornecimento de 800 carradas de mato, 300 duzias de táboas de ripado e mais duzentas duzias de táboas para ripado destinadas ás sementeiras das dunas da Gafanha e S. Jacinto.

As condições para esta arrematação acham-se patentes no atrio do Governo civil de Aveiro, onde poderão ser examinadas todos os dias uteis, durante as horas em que funcionam as repartições ali instaladas

Direção-geral dos serviços florestais e aquicolas, em 27 de julho de 1920.

Pelo diretor-geral,

Julio Mário Viana.

DIRETOR: Firmino de Vilhena

Ano 70.º—Numero 6:761—Sabado, 24 de setembro de 1921

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,
Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Endereço telegrafico
CAMPEÃO,,—AVEIRO

Campeão das Provincias

Decano dos jornais portuguezes

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 3$80 Numero do dia, $10 centavos; atrazado, $12 centavos. Para alem-mar, 8$00; Brazil, França e Inglaterra, 14$00. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 55 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 50 centavos por linha singela; na 2.ª, 35; na 3.ª, 30 e na 4.ª, 25
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

MURTOSA E CANELAS

A oito dias de vista tereis, eleitores da Murtosa e de Canelas, de voltar á urna, chamados á decisão dum pleito que decidirá dos vossos interesses e dos vossos destinos, visto que de um lado, o daqueles que os defendem, estão os republicanos, e do outro, o que vo-los atacam e vos exigem tributos para abertura de canais em lesirias suas, estão os monarquicos.

Escolhei, decidi por vossa livre vontade. Aqueles defenderam o vosso primeiro veredictum perante o tribunal que vos julgou. Estes não só vos acusaram falsamente classificando-vos de *falsificadores* e de *burlões*, mas aos proprios que lhes deram votos atiraram por fim com esses votos á cara.

Escolhei, decidi!

A Historia de 31 de janeiro de 1891 levanta-lh'o.

«... Eu, meu senhor, não sei o que é a Republica, mas não póde deixar de sêr uma causa santa. Nunca na egreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos:—Viva! Viva! Viva a Republica!...»

(Palavras de um soldado, ao presidente do Tribunal de guerra no acto do julgamento.)

O PELOURINHO

Por ódio (Preparativos revolucionarios para o 31 de janeiro de 1891).

A circular (*do novo directorio em que estavam os do Homem Cristo com ele proprio*) visava, como se compreende, **a tirar aos conspiradores do Porto** (*de quem Homem Cristo, como temos mostrado, era inimigo*) **«qualquer sombra de autoridade oficial»**. E para que não restasse duvida **sobre a sua significação**, no dia 27 (de janeiro de 1891, como já frisámos aqui quando iniciámos estas breves rememorações **do triste passado** de um *homem*) os *Debates* publicavam um artigo de Homem Cristo intitulado **Uma prevenção**, em que **atribuia ao movimento** (*a dar-se daí a quatro dias*) **o carater de uma «pavorosa» urdida pelo governo**; e se exclamava:

«Acautelem-se, pois, os republicanos (*mas que grande e leal amigo, o Homem Cristo, como estão vendo*) com essas manobras. Revoluções fazem-se. Não se dizem, nem apregoam. Quando se dizem e quando se apregoam, ou é desconchavo que faz rir, ou armadilha lançada aos ingenuos e simples do mundo. E como ha muito ingenuo e muito simples, sempre é preciso cuidado com tais armadilhas e artes **de tratantes**. Cautela, pois.»

(Do livro a *Revolução-portuguêsa o 31 de janeiro*, de Jorge d'Abreu)

Assim iniciou Homem Cristo a sua vingança contra os seus adversarios.

Nota—Brevemente, alem de pôrmos em confronto o procedimento deste *Homem Cristo* para com os seus correligionarios, com o do dr. Luiz de Magalhães para com o republicanos traídos pelo mesmo Homem Cristo, **falarêmos das suas declarações prestadas á policia.**

Barra e ria de Aveiro

IV

Tanto no decreto de 18 de junho de 1913 que aprova a organisação daquela Junta-autonoma das instalações maritimas do Porto (Douro-Leixões), como na proposta de lei já apresentada na Camara dos deputados no corrente ano pelo ministro do comercio dr. Antonio Granjo, como na lei n.º 913 de 29 de novembro de 1919, completada pela lei n.º 1:151 de 21 de abril do corrente, que criaram a Junta do Rio Mondego, se acham precisa e claramente, definidas as suas atribuições e a sua composição. Porém na proposta de lei que estamos apreciando, tudo isto se expõe na maior das confusões, numa mistura *salina que não cheira bem.*

Nas tres alineas do art. 1.º começa o seu autor por falar de faculdades, numa linguagem e redação algarbias, nada apropriadas a tais diplomas, voltando a falar no art. 5.º em «principais atribuições da Junta».

São as deste artigo as principais?

Estas ficam na lei, e as não principais ficam na lei do arbitrio.

Mas toda a entidade, toda a personalidade juridica, toda a corporação publica ha-de «ter definida e expressa na lei a sua competencia, a sua jurisdição, e todas as suas atribuições».

O *arbitrio!*

Mas o arbitrio é o caminho do favoritismo, a vaidade do mandão, a estrada por onde caminha o *conto do vigario*, o dentista de feira, que exibe os seus elixires manhosos, o especulador que olha só a si e não a mais ninguem, que só quer saber dos seus interesses e das suas comodidades, e olhar os outros com o mais absoluto despreso.

E' a estrada onde o ladrão nos assalta.

Os seus defensores dizem «que grande interesse adviria para esta região com a efetivação das obras da *barra e ria desta cidade* (de Aveiro) e bem assim da constituição da Junta-autonoma, que tome a seu cargo tal iniciativa.» Aqui o seu *pensamento oculto* exteriorisou-se. Em verdade não tratam aqueles defensores senão do *interesse* que teem em que se efetivem as obras da *barra* e *ria da cidade de Aveiro.*

Sempre o seu egoismo a transparecer em todo o seu reservado pensamento.

Sempre o seu **interesse bairrista** a sobrenadar nas suas conferencias, e intrevistas por eles promovidas, e realisadas em defeza da sua obra.

Sempre a *mentida ideia* do interesse pela *região*, pelo distrito, quando é certo que se não *pensa* senão no *interesse das obras da barra e ria de Aveiro*, que não é senão uma pequenissima parte do grande estuario do Vouga, com grandes encargos, e sem interesse algum especial para os outros concelhos do distrito, para quasi todos os proprietarios de juncais e praias da região ribeirinha, as quais são chamados juntamente com os representantes dos seus respetivos concelhos ás reuniões da Junta, unicamente para, com vexame e desprezo, vêrem, como diz o grande poeta do «D. João», da «Velhice» e dos «Simples», fazer deles soberanos «como Jesus para beber o fel e para morrer na cruz».

Sim, para *beber o fel, e para morrer na cruz com os pesados e injustos impostos*, que lhes lancem, porque cinica e farçantemente lhes dão uma representação preparada para sempre ser vencida.

Tal Junta e sua Comissão-executiva estão, na proposta, velhacamente constituidas com uma maioria dos seus vogais fornecida pela cidade e concelho de Aveiro, existindo em tudo a preocupação *bairrista* ou melhor *nativista*, de assegurar áquela cidade e concelho o predominio vexatorio sobre os outros concelhos, quer marginais, quer não marginais, mas do distrito.

José Antonio de Almelda.

Praias de Portugal

Farol da barra de Aveiro, 19-9-21

Meu caro Marques Gomes—Aí tem v. um dia como de bem poucos se gosa fóra daqui. Fóra daqui, bem digo, porque no Farol raros são os dias maus. Manhã duma purêza infinita; ceu lavado, sem uma ruga, todo iluminado por um sol brilhante, que não é já de verão mas não indica tambem uma aproximação de inverno prematuro, o sossurro embalador das aguas que déscem para o mar, o horisonte, este amplo horisonte, mordido apenas por uma tenue espiral de fumo branco, que se evola do cano dum vapor que passa ao largo.

Cardumes de falcoeiras enchugam a aza, postadas á beira d'agua. Ria a baixo, a faina da pesca, a labuta de bordo, a flutuação de pequenos barcos de rêmos e gasolina. Não bole aragem. As velas pendem dos mastros em plêna quietação. Distingue-se nitidamente toda a serrania. Bate-lhe em cheio a luz do alto.

*

Duas da tarde. Lá vem tudo, areal fóra, até á praia. Armam-se toldos. Dentro de nada, diferentes grupos tomam toda a linha abarracada. Conversa-se aqui, joga-se ali, lê-se acolá. Toda a gente se diverte a seu modo. Ouvem-se de vêz em quando as gargalhadas sonoras, alegres, limpidas do dr. Quaresma, sempre de bôa disposição. O dr. Sampaio preside aqui. Mais alem é o dr. Vasco que entretém o rancho. O dr. Ferreira Neves... ajuda á missa assistindo em varios altares. Uma onda mais atrevida espraia-se até quasi ás primeiras linhas. O borborinho do susto, o temôr de uma mólha faz que alguns levantem a tenda. Cá mais distante, ri-se. Estrugem palmas...

Fêra um *fracasso* de precipitação. E a proposito, o comentario alegre, os ditos de espirito, a troça ao rubro. Os rapazes não ha quem os cale. Mas esperem-lhe pela volta...

E, emquanto o incidente passa, levanta-se a sul uma pequena nuvem. Sóbe lésta, engrossa, distende-se. Toma, já agora, uma boa metade da aboboda até ha pouco dum azul compacto e sem manchas. Regressa tudo precipitadamente a penates. Até o dr. Nordeste, que havia levado para a pescaria toda o sua malta. A verdadeira retirada em desordem. Ha quem não tenha ganho para o susto. Mas a prometida trovoada dissipa-a um sôpro de norte bemfazejo, que quasi torna a pôr tudo nos seus eixos. As nuvens negras vão levadas com a aragem. Chêga o *camion* do Fonsêca, que faz a dupla carreira diaria e traz á tarde os jornais á gente. Com eles se entretém a parte que lê até á hora do jantar. A outra parte marinha no mólhe, na estrada, em frente á porta do visinho, no correio. O *banco da paciencia* deixou de sêr o poiso forçado da *jeneuse dorée*. Fez a sua epoca em tempos distantes. Já lhe não vale a propria atração da nova camisa de que caridosas almas fizeram vestir o *barracão*. O *barracão* de camisa lavada, já parece outro. Ficou nôvo, mas duma banda só... E o resto? O' dr. Fontes, o resto?

*

Troveja e chove agora com abundancia. O diluvio? Se o não é parece-o. Até graniso cái. Toda a imensa arcada tem um tom caliginoso.

O farol dardeja raios de luz em meio da noite escura. Mas a luz dos raios empalidece aqueles. Quasi os apaga envolvendo-os nas suas côres sinistras. Apesar de tudo, a *Assembleia* regorgita. Dança-se com delirio, cavaqueia-se animadamente. Ali não chega o rugido do trovão. A voz do dr. Fonsêca prevalece até sobre as coleras do Adamastor...

Mais um instante, e não ha já sinais de treva ou de fragôr. Campeia de novo o luar. E que lindo azul todo o azul da esfera!

*

A minha carta anterior saiu com numerosas *gralhas*. Até na pontuação. Como a culpa não foi minha, vá a responsabilidade a quem toca.

Vamos têr, no domingo e 2.ª feira proximos, nada mênos de duas garraiadas. Alveneres e carpinteiros estão dando a ultima demão na praça.

Eu sou, de principio, adverso a tais divertimentos. Entendo que é uma barbaridade sem a qual se passava perfeitamente. Mas como ha quem goste e os gôstos não se discutem, vá lá mais essa para o rol das coisas que não ilustram nem a civilisação e nem a humanidade.

Isto no geral. Para as que a rapaziada no Farol prepára e levará a efeito, ábro uma exceção. Estou de ante-mão a vêr uns boleusitos que são parte obrigada da diversão. Que sejam poucos e sem valor. Que a rapaziada se divirta e se não moleste. Isto lhe desejo, e comigo certamente a colonia inteira.—F. V.

Atualidades

Ecos da eleição — O comicio realisado no domingo ultimo na ampla praça de Pardelhas, derivado da necessidade de fazer luz no espirito irresoluto de uma parte da população murtoense, assediada, perseguida, ameaçada da propria *excomunhão* por uma propaganda ignobil de elementos reacionarios capitaneados por falsos apostolos da religião cristã, produziu, como de esperar, uma salutar impressão no animo da assistencia.

Foi uma solene afirmação de principios de ordem, de moralidade, e de ardente fé republicana, que encontrou apoio veemente no aplauso unanime da assistencia, uma poderosa onda de gente que por completo enchia o vasto recinto.

Não nos é possivel acompanhar cada um dos oradores na sua eloquente exposição, até

Com vista ao reduzido numero de republicanos que fazem parte da pseudo "junta dos... melhoramentos da cidade de Aveiro,, e dos que estão ainda em relações politicas com "O outro,, (o H. C.).

Mas em quem tencionaria votar «O outro» (o H. Cristo) nas ultimas eleições da monarquia em 1910, **se chegasse a tempo de o fazer?!!...** Responde a esta pergunta a seguinte local do *Povo de Aveiro* de 4 de setembro do mesmo ano de 1910:

As eleições locaes

Em Aveiro abstiveram-se... metade dos eleitores. Quando nós sahiamos de casa para votar, era 1 e meia da tarda, já a votação... tinha findado.

Os republiqueiros, que não levariam 100 votos á urna, **se os apertassem**, ainda levaram 150. Não progrediram muito, porque mais de 100 já eles levavam ha 28 anos. Comtudo, poder-se-ia demonstrar que em vez de pequeno progresso teriam retrocedido. Mas os influentes progressistas andam todos de mal uns com os outros. Não se mexeram. E se continuam assim, daqui a pouco... desaparecem. Bem póde o sr. Conde d'Agueda acudir-lhes.

Entretanto o bloco teve aqui uma grande maioria.

NOTA—E' extraordinario!!! Este *sujeito*, como todos os que a isso teem ligado alguma atenção podem têr apreciado... **chega sempre atrazado.** E quando lhe **cheira a esturro... falta ... ou pisga-se.**

Não é isto verdade, ó senhores da tal «junta não sei quê, e dos... melhoramentos da cidade d'Aveiro, e, ó senhores republicanos que ainda manteem relações politicas com o tal «O outro»?

Chapeus de senhora

Emilia Ferrari Tavares participa ás suas ex.mas clientes a abertura da estação de inverno no dia 15 de outubro proximo.
Exposição e venda de modêlos no estabelecimento de modas do sr. Pompeu da Costa Pereira, desta cidade.
Atelier R. de Santo Ildefonso, n.º 382, 1.º—PORTO.

mesmo por esta forçada redução de espaço a que circunstancias especiais e superiores á nossa vontade nos estão sujeitando ainda.

O comicio abriu pela apresentação dos oradores, em resumidas mas judiciosas palavras feita pelo quintanista de medicina, nosso presado correlionario dali, sr. dr. João de Resende A. Maia e Silva, que propôz para a presidencia o considerado funcionario de justiça, sr. Lopes da Cunha.

Este expôz os fins da reunião falando com patriotismo e calor, seguindo-se no uso da palavra os srs. dr. Barbosa de Magalhães, dr. Antonio Tavares, dr Costa Ferreira, dr. Tavares da Silva, dr. Alfrêdo Nordeste, Miguel da Silva Portugal e dr. Egas Moniz.

Recebidos com palmas e entre entusiasticas saudações á Republica, que se repetiam a cada momento, eram a cada momento interrompidos pelo aplauso unanime dos assistentes, tantos dos quais haviam feito até ali bem errada ideia do regimen e dos seus homens, pela presistente e deleteria campanha dos seus irreconciliaveis inimigos. De tal ordem tem sido ela, em tão criminosa liberdade os tem deixado medrar a tolerancia dos governos, que não tem sido só do pulpito e do confissionario que os falsos representantes de Cristo pregôam e incutem no animo fraco das populações o virus da revolta, mas até o proprio altar e o proprio recinto dos cemiterios lhes tem servido para os efeitos da sua execranda *chantage*.

O povo murtoense começa de acordar agora dum profundo letargo. A palavra quente e persuasiva dos oradores do comicio de domingo abriu os olhos a toda aquela boa gente. Nós ouvimos ali, em contáto estreito com ela, misturados e lendo bem no fundo da sua alma ingenua e nobre, os protestos que do seu seio se erguiam contra um passado de verdadeiras orgias de toda essa gente empenhada em iludi-la e corrompê-la. Nós ouvimos e sentimos o peso da excomunhão com que o generoso povo daquela terra caiu sobre os seus maus orientadores.

De uma vêz em que do alto da tribuna, por incidente, se pronunciou o nôme do celerado que aí arrasta a vida de infamias e de torpêzas que todos conhecem, da onda rugiu uma tempestade de maldições. Não têr ele aparecido ali, como fanfarronando jurára! O miseravel bandido, a lama nauseante da sargêta que a vasa dos escoadoiros ainda não levou!

Apareceu, sim, logo de madrugada, a escusa, impressa, do candidato monarquico, que fizera anunciar tambem a sua assistencia á grande reunião. E comentava-se: «é a primeira desistencia; a segunda virá em 2 de outubro proximo».

A fraqueza dos nossos antagonistas demonstra-se evidente por este primeiro e aliaz bem ponderado passo dado. Bem fizeram, realmente, os srs. drs. Jaime Silva e Manuel Alegre em não ir lá para evitarem uma nova desilusão. Mais vale, em combate, uma retirada em ordem, do que uma precipitação. Entretanto fazem-se afirmações no seu manifesto desprovidas de fundamento. E' menos exato que o sr. dr. Barbosa de Magalhães tivesse tomado o compromisso de defender o projeto da creação da tal Junta-autonoma da barra, projeto que, como está, é uma extorsão audaciosa á algibeira de cada um, e a negação absoluta dos principios de moralidade e de justiça que todos devemos defender.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães prometeu sim, e isso fará, prestar todo o seu auxilio a tudo quanto represente beneficio publico, mormente quando se trate de coisas referentes á terra que o viu nascer. Ora a tal Junta-autonoma, ou antes a sua creação nos termos em que apareceu proposta, era uma coisa em quem ninguem podia confiar e muito mênos consentir. Não visava os interesses da terra, os interesses coletivos da região, mas os interesses unicos dum banco ou de uma empreza a quem felizmente o *Campeão* a tempo descobriu o jogo e denunciou os propositos. O *Campeão* esclareceu, o *Campeão* pôz as coisas nos seus devidos termos, abrindo os olhos a muita gente. Foi em resultado da sua ação que as Camaras municipais de Ovar, Estarreja e outras se apressaram em apresentar os seus protestos contra a audaciosa tentativa, perante os poderes constituidos. E o projeto morreu, devendo enterrar-se com ele todas as aspirações congeneres dos . . empresarios. Todas. E depois de realisada a grande reunião da Murtosa, a que fomos assistir, mais nos convencêmos, pelas declarações prestadas pelos ilustres representantes do circulo, *una voce* feitas, de que assim será.

Foi, talvêz, esta, a mais importante das afirmações trazidas á população da Murtosa, desde muito jungida ao cangão dum regulamento de pesca e de apanha de moliços que é uma monstruosidade e que está produzindo a miseria das classes piscatoria e agricola da região, e que, destinado a proteger o peixe e a preservar a ria da invasão das areias, produz precisamente o contrario e nos priva a nós outros do necessario embaratecimento da vida.

Esse regulamento, como tantas dessas enormidades tributarias que pesam sobre aquelas classes, precisam de sofrêr uma remodelação completa. As obras da barra e ria de Aveiro, que compreende toda a extenção alagada desde Mira até Ovar vão sêr oqjeto da mais especial recomendação dos representantes do circulo, legalmente eleitos já. Não carecerão eles nem da iniciativa, nem do esforço dos que só iniciativa e esforço tem por causas de interesse proprio. E nem a Murtosa e nem qualquer outra população do circulo ou do distrito precisarão de mendigar de ninguem mais o que por legitimo direito lhes pertence e hão de haver por preço imposto a si proprios pelos seus legitimos representantes.

De tudo isto ficou ciente a Murtosa e ficaram certos os povos ribeirinhos, que ali tiveram larga representação, aguardando aqueles o proximo dia 2 de outubro para marcarem mais uma vêz a sua posição ao lado da Republica, honrando as suas tradições de povo honesto, trabalhador e dedicado ao bem comum, porque é do bem comum que se trata, defendido, por parte dos republicanos, contra os que só dos seus interesses cuidam e pelos seus interesses desceram até... onde se encontram.

O comicio terminou com uma quente manifestação de adesão geral á Republica, vitoriada na pessôa dos seus mais proeminentes homens, e ainda na calorosa manifestação de carinho feita aos srs. drs. Barbosa de Magalhães, Egas Moniz, Costa Ferreira e Tavares da Silva, que foram delirantemente aclamados.

Uma banda de musica, postada de subito num recanto da praça, executou o hino nacional, ouvido de cabeça descoberta e entrecortado de palmas e outras manifestações de aplauso.

A força daqui destacada para manutenção da ordem, que se prestigiou assim, era comandada pelo sargento Dias, da guarda-republicana.

O que aí fica é o rebate consciencioso do que se passou no comicio. Pois a *Patria*, a de Lisboa, avariada desde muito, insere a proposito meia duzia de chalaças que impinge aos leitores como ouro de lei, prestando se assim a fazer o jogo monarquico, que naturalmente lhe pagam por bom preço.

A'cêrca da eleição de Aveiro, só a *Opinião* falou sempre a verdade. Todo o resto da imprensa da capital, que se lhe referiu, ludibriou o respeitavel publico.

Ao *Seculo* foi desta vêz mandada tambem daqui e copia do que a *Patria* sem escrupulo referiu, mas, mais cauteloso o *Seculo* aproveitou de tudo aquilo as quatro ou seis primeiras linhas, omitindo o resto, que lhe pareceu historia.

Pergunte a *Patria* ao seu informador desde quando é que é republicano e que especie de republicanismo é esse, a quem tanto importa o vencimento duma lista monarquica. Pergunte, e quando obtivér resposta, avise-nos.

Dois irmãos... morais... de Caim

(Invejosos inimigos de todos, *que vegetam* **até...** *no cainho* **ódio mutuo.**

Rés non verba

O quarenta e um (social)

O OUTRO

Quesito n.º 41 no julgamento realisado em 22 de maio de 1913 no Tribunal desta comarca.

41.º — A circunstancia atenuante de ter o arguido (Arnaldo Ribeiro, do «Democrata», de Aveiro) sido sempre um homem de bem, e julgar-se incapaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vive, está ou não provada? Não está provada.

Aveiro, sala das sessões do Juizo-comercial, 22 de maio de 1913.

José do Nascimento Ferreira Leitão, Pompilio Simões Souto Ratola, Eduardo Augusto Vieira, Gonçalo Nunes dos Santos, João Mendes da Costa, Joaquim MarquesMachado, Manuel Vieira da Silva, Joaquim Fernandes Rangel, José Augusto Ferreira.

Ordem do exercito n.º 10, 2.ª serie, de 27 de abril de 1909.

Reforma o capitão do regimento de infantaria 23, Francisco Manuel Homem Christo, (o d"O... de Aveiro,,) submetido a julgamento do Conselho superior de disciplina do exercito, nos termos do paragrapho 1.º do art.º 106.º do Regulamento disciplinar do exercito (a) aprovado por decreto de 12 de dezembro de 1896, em conformidade com a opinião do mesmo Conselho.

(a) Incapacidade moral.

O *diabo* **os** fez, a Justiça **os amarrou.**

E são **estes** os *pretendidos* fiadores e arbitros da moral pessoal e coletiva da sociedade; da moral pessoal e coletiva, administrativa e politica da Republica!...

Similes cum similibus facile congregantur.

Dr. Afonso Costa

Em resposta ao telegrama de saudações que as comissões politicas do P. R. P. lhe enviaram por ocasião da sua reunião de 2 do corrente, foi recebida pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães a seguinte carta, que te nos prazêr em publicar:

«Vila Alzira, 8 de setembro de 1921.—Ex.mos srs. dr. Barbosa de Magalhães, Manuel Lopes Guimarães, Domingos João dos Reis Junior.—*Meus amigos*—Muito agradeço o afetuoso telegrama que, em nome das Comissões politicas do Partido-republicano-português do circulo de Aveiro, me haveis enviado em 2 do corrente; e, com os meus dedicados cumprimentos pessoais, rogo-vos a fineza de transmitirdes a todos os membros dessas comissões a expressão do meu reconhecimento, assim como os votos, que fazem, pelo progresso e engrandecimento do P. R. P. de Aveiro, em beneficio da Patria e da Republica.

Saude e fraternidade. (a) *Afonso Costa.*»

Carteira de apontamentos

Fertas de familia:

Fazem anos

Hoje, as sr.as D. Laura Augusta Regala de Mendonça, D. Graziela Serrão, D. Mercedes Ferreira da Cunha, D. Noemia Estrela Brandão de Campos, D. Maria d'Almada Rangel de Quadros (Tavarede), e o sr. Paulo de Melo Magalhães.

Amanhã, as sr.as D. Maria da Rocha Neto e D. Maria Emilia Lopes de Almeida.

Alem, o sr. Francisco d'Almeida.

Depois, a sr.ª D. Maria Amelia da Costa.

Em 28, as sr.as D. Rosalina d'Azevedo, D. Maria Serrão da Silva Pereira, D. Regina Freire Dias Simão, e os srs. dr. Bento Guimarães e Agnelo Augusto Regala.

Em 29, a sr.ª D. Maria da Silveira Diniz.

Em 30, a sr.ª D. Zulmira Pinto de Miranda.

◆ Tambem no dia 14 fez anos o sr. Abel Pedro Ferreira da Silva, digno empregado telegrafo-postal.

Termas e praias:

De visita, tem estado no Farol os srs. dr. Conceição e Silva, D. Maria Azevedo, D. Ana Barbosa de Magalhães, Carlos Duarte e esposa, Francisco de Melo, esposa e filho, Orlando Peixinho, Lourelio Regala, D. Sara da Cunha Barros, Elio da Rocha e Cunha, Luiz Peixinho e esposa, dr. Evaristo José de Carvalho, D. Maria d'Assunção de Vasconcelos.

◆ Tambem ali se encontram, de visita ao sr. dr. Vasco de Vasconcelos, seu tio, sr. Henrique de Vasconcelos, presidente do senado municipal de Lamego, e sua interessante filha D. Berta.

◆ Regressou já do Farol a Vinhais, onde é advogado, o sr. dr. Joaquim de Sampaio Toscano, que ali foi hospede da familia Marques da Cunha.

◆ Na Costa-nova está com sua familia a sr.ª D. Emilia de Seabra.

Movimento local

Anotações do passado (1920)—*Dia 24 de setembro*—Agravam-se por tal forma os padecimentos do sr. Duarte de Melo, que a medicina perde as esperanças de salva-lo.

Dia 25—Começa a anunciar-se nova greve dos caminhos de ferro.

Dia 26—Bátisa-se solenemente o filhinho do sr. dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz na paroquial da Apresentação, desta cidade, recebendo o nome de Mario Manuel.

Dia 27—Falece, no Luso, pela 1 da madrugada, o sr. Duarte de Melo. A noticia é aqui recebida com profundo sentimento.

Dia 28—Começa a retirada de algumas familias das praias.

Dia 29—Vem mais sardinha para o mercado, mas o preço não baixa.

Dia 30—Termina o mez por um dia magnifico, que á tarde arrefece.

Festas.—Hoje e ámanhã, pomposa festividade a N. Sr.ª da Saude, na Costa-nova, onde costuma afluir grande numero de romeiros. Ha regata, corridas e outras diversões, assistindo duas musicas.

Amanhã e alem, a da N. Sr.ª dos Navegantes, no Forte, que é tambem sempre bastante concorrida e animada.

No Farol tocará a magnifica banda do 24, que executará o seguinte programa:

«Los arrastraos», passe doble; «La marcha de Cadiz», zarzuela; «Paris Génève», polka; «Rapsodia do Porto», cantos populares; «Les patineurs», suit de valses; «La mascarita», zarzuela; «A viuva alegre», suit de valsas; «El pobre Valbueña», zarzuela; «Lagartijillo», passo doble.

Nestes dois dias realisam ali tambem os rapazes da colonia duas garraiadas, que estão despertando interesse e curiosidade.

A *quadrila* é assim constituida:

Espadas: El Tranguilo e Fuantes.

Praêns de Brega: do 1.º espada, Manso Preto, Alvaro Sampaio e Carlos Julio Duarte. Do 2.º, Pompeu de Figueiredo, Agnelo Regala e Mario Duarte, filho.

Picadores: Corneiro Franco, Antonio do Carmo, Rui Couceiro e Emilio Azevêdo.

Grupo de forcados: Antonio Vasco Guedes (cabo) Antonio Godinho, Alfredo da Fonsêca, Emilio d'Azevedo e Eduardo Rocha.

Curro das lesirias da Vagueira, atualmente a banhos na Gafanha. Touros e toureiros, tudo puro.

A questão academica.—Póde dar-se por findo o conflito academico de Coimbra.

Numa reunião na 3.ª feira ali efetuada, ficou assente que os rapazes voltem ás aulas sem perda de ano para qualquer aluno da Universidade.

Haverá uma época de actos agora em outubro e outra em dezembro, época esta que se procura tornar geral em todas as faculdades. Por agora apenas ha a matricula condicional ao ano seguinte, matricula que se tornará efetiva após a aprovação dos actos.

Coisas agricolas.—As chuvas que teem caido foram um maná para a agricultura. Por estes sitios, mormente nas visinhas povoações fazem-se abundantes sementeiras da epoca. Ha ainda milhos por colher e não são poucas as eiras que os esperam. Os nabais, pouco antes semeados, prometem abundancia, pois muitos deles lançam já fóra da terra as suas pequeninas folhas, que trazem mostras de excelente vigôr.

Pescarias.—O mar, que muitos dias se fechou á exploração, valendo-nos a pesca da ria, aliaz insignificante, e o salgado das taineiras, permitiu já ante-ontem o trabalho em diversas costas do litoral, havendo em quasi todas elas alguma sardinha.

Movimento maritimo.—Estão ancorados em frente de S. Jacinto alguns barcos que se prepáram para sair. Aguardam apenas monsão favoravel.

Na 5.ª e 6.ª feira sairam alguns, entrando outros. Se o mar assim continuar, sairão todos por estes dias.

Luz eletrica.—Realisou-se ontem e com o melhor exito a experiencia oficial da iluminação eletrica na cidade.

Consta-nos que a inauguração deste grande melhoramento local se realisa no dia 1 do proximo mez de outubro.

O homem que tem sorte

Quando virem um homem, a respeito do qual toda a gente diz: «Isto é que tem uma sorte extraordinaria! Tudo lhe corre perfeitamente!»—olhem bem para esse individuo. Póde apostar-se que um homem assim, não é um achacado, nem um debilitado, nem um invalido. Pelo contrario, verão como apresenta todos os sinais exteriores de uma saude perfeita, e alem disso uma especie de animação, de brilho do semblante, que seduz e atrái toda a gente. Possue o que se chama a «vitalidade».

A mesma observação se póde fazer tambem a respeito da mulher. Emana de certas mulheres uma especie de encanto particular, que faz com que toda a gente se sinta por elas atraido. Este encanto é uma manifestação da vitalidade. Ora, semelhante vitalidade é devida a um perfeito equilibrio da saude, que permite um rendimento excecional de todos os orgãos e de todas as faculdades.

E' este estado de saude, este estado de perfeito equilibrio que as Pilulas Pink proporcionam. As Pilulas Pink dão, com efeito, sangue a cada pilula, e têem ainda por cima uma acção tonica sobre os centros nervosos. Dando sangue rico e puro, estimulam o funcionamento de todos os orgãos, de todas as faculdades.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 950 reis a caixa, 5$300 reis 6 caixas. Deposito geral, Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39, a 35, Lisboa.

Mortos

No seu solar da Gandarinha, Oliveira d'Azemeis, faleceu ultimamente a sr.ª condessa de Penha Longa, antiga assinante do *Campeão* e uma das mais distintas senhoras da alta sociedade portugueza.

A falecida titular, que gosava em toda a parte da mais merecida consideração e estima, deixa ligado o seu nome a obra de verdadeira filantropia, tendo fundado em Lisboa um asilo para raparigas desamparadas, outro na propria quinta de que tomara o nome, e ainda outro na Gandarinha, onde se abrigam nada menos de cem creanças, tendo em organisação uma escola agricola para regeneração moral de dois sexos.

Espalhou muito bem, com grande generosidade, por muitos pontos do paiz, e faz falta, que se não preenche, a muita gente.

A ilustre falecida deixa uma bela fortuna, com que os seus herdeiros decerto proseguirão nas obras de caridade iniciadas.

A todos os doridos, os nossos sentimentos.

Jazigo de capela em Aveiro

Situado no Cemiterio da Corredoura com o n.º 40 e a seguinte inscrição:

General A. F. Q. e Familia

VENDE-SE os pretendentes dirijam propostas em carta fechada ao escritorio do dr. Jaime Duarte Silva em Aveiro, até ao dia 22 do corrente pela 1 hora da tarde em que se abrirão as propostas.

VENDE-SE uma propriedade sita em Aradas composta de ribeiro e terra para vinha. Quem pretender comprar dirija-se a Sebastião Ferreira Leite Junior, no mesmo logar.

Teatro Aveirense

São prevenidos os srs. frequentadores de que se acha aberta até ao dia 15 de outubro proximo, na «Tabacaria Reis», aos Arcos, a inscrição para a assinatura de logares reservados, tanto nos camarotes como na plateia, durante a época de 1921-1922, nas seguintes condições:

As assinaturas para camarote compreendem todos os espetaculos e as segundas sessões de cinema.

As assinaturas de plateia compreendem todos os espetaculos e as segundas sessões de cinema, quando os logares sejam numerados.

Os srs. assinantes deverão levantar sempre os seus bilhetes tanto para espetaculos como para cinema, pois deixando de o fazer uma vez perderão imediatamente direito á assinatura sem direito a qualquer indemnisação.

A taxa, a pagar no acto da inscrição, é a seguinte:

Camarotes . . . . . 15$00
Fauteuils . . . . . 7$50
Cadeiras. . . . . 5$00

Estas condições entendem-se sómente para todos os espetaculos dados por conta do Teatro e não para espetaculos dados por amadores ou por conta de outrem, ficando todavia os srs. assinantes sempre com preferencia aos seus logares.

A Direcção e os bilheteiros não tomam compromisso algum para reserva de logares sem que essa reserva seja feita nas condições acima mencionadas.

Desde esta data ficam sem efeito todas as marcações feitas anteriormente.

Aveiro, 21 de setembro de 1921.

A Direcção.